

GLENY TEREZINHA DURO GUIMARÃES
MARLÚBIA CORRÊA DE PAULA
Organizadoras

ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DE DISCURSO

REFLEXÕES
TEÓRICO-METODOLÓGICAS
EM DIFERENTES VERTENTES

GLENY TEREZINHA DURO GUIMARÃES
MARLÚBIA CORRÊA DE PAULA
Organizadoras

**ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DE
DISCURSO:**
reflexões teórico-metodológicas em diferentes vertentes

Esta obra foi incentivada pela



© by Alexa Cultural

Direção

Gladys Corcione Amaro Langermans

Nathasha Amaro Langermans

Editor

Karel Langermans

Capa

K Langer

Revisão Técnica

Gleny Terezinha Duro Guimarães e Michel Justamand

Revisão de língua

Tuca Dantas

Editoração Eletrônica

Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G348 - GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro - P320 - PAULA, Marlúbia Correa de

Análise de conteúdo e análise do discurso. Gleny Terezinha Duro Guimarães e Marlúbia Correa de Paula (orgs.), Alexa Cultural: São Paulo / Edua: Manaus, 2022

14x21cm - 298 páginas

ISBN - 978-85-5467-173-0

1. Ciências Sociais - 2. Serviço Social - 3. Análise de conteúdo 4. Análise do discurso - I - Título, II - Sumário, III - Bibliografia

CDD - 300 / 360

Índices para catálogo sistemático:

1. Serviço Social
2. Análise de conteúdo
3. Análise do discurso

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem o aval das organizadoras e/ou editora.

As opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Alexa Cultural Ltda

Rua Henrique Franchini, 256

Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140

alex@alexacultural.com.br

alexacultural@terra.com.br

www.alexacultural.com.br

Editora da Universidade Federal do Amazonas

Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos,

n. 6200 - Coroado I, Manaus/AM

Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Centro de Convivência – Setor Norte

Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290

6. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE BAKHTIN E O CÍRCULO

Cláudio Primo Delanoy⁴⁰

Introdução

A pesquisa científica sobre a linguagem humana deve partir da compreensão da complexidade do objeto: a própria linguagem. Um dos grandes nomes da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, já apontava a natureza multifacetada da linguagem por estar presente em vários domínios de modo simultâneo, quer dizer, na física, na psicologia, na fisiologia etc., resultando então num objeto tal que dificultaria uma ciência linguística que reclamasse um objeto estável e homogêneo, próprio para a análise. Embora não seja nosso propósito seguirmos com o mestre genebrino, salientamos uma de suas mais interessantes afirmações, ligada ao fenômeno da linguagem, que irá resultar em um método de pesquisa, a nosso ver, aplicável a qualquer abordagem teórica na linguística: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2004, p.15). Quer dizer que em termos de linguagem, nada encontramos pronto, acabado, no mundo. Não tropeçamos em linguagem, não a encontramos isolada na natureza como identificamos um animal ou uma rocha. A linguagem é inerente ao humano. Nesse sentido, Saussure defende uma tomada prévia de decisão sobre o que estudar na linguagem, um ponto de partida, um recorte metodológico que irá construir o objeto a partir desse olhar. É dessa reflexão no Curso de Linguística Geral que vai eleger a *língua*, enquanto sistema (é sua perspectiva), para o objeto da sua linguística.

O parágrafo introdutório emoldura este capítulo porque apresenta a necessidade de assumirmos um posicionamento teórico-metodológico ao estudarmos cientificamente a linguagem. Neste caso, pretendemos discorrer sobre as reflexões de Bakhtin e o Círculo em seus pressupostos, a envolver uma concepção própria de linguagem e um método coerente a tal perspectiva. Nossa proposta é apresentar e explicar alguns dos conceitos da teoria dos pensadores

40 Doutor em Linguística, PUCRS.

russos, notadamente aqueles que serão exemplificados no capítulo seguinte desta obra, quer sejam: signo ideológico (palavra), dialo-gismo, responsividade, enunciado concreto, acento valorativo (ento-nação). Tal elenco representa um recorte, visto ser praticamente im-possível explicar a abordagem bakhtiniana por inteiro em um único capítulo de livro. No entanto, deve ser suficiente para expormos suas bases, notadamente considerando a aplicabilidade dos conceitos a discursos.

Conceitos

Iniciamos com o signo ideológico. Volóchinov, integrante do Círculo de Bakhtin⁴¹ e autor de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017), propõe-nos pensar sobre a natureza da palavra, o material de que é feita a linguagem. Para tanto, compara a matéria palavra com outros objetos de criação artística, como a argila e o mármore. Em uma escultura, o artista manipula a matéria bruta e lhe dá uma for-ma, seja de uma figura humana ou um objeto qualquer. A argila e o mármore, assim como a madeira, o metal etc. aceitam e manifestam a criatividade do artista. Volóchinov nos diz que nada disso acontece com a palavra:

O escultor pode dar ao mármore ou à argila qualquer forma, pode mudar a seu gosto suas menores partes, obedecendo a sua fantasia criativa ou um plano pensado nos mínimos detalhes. Entretanto, a palavra não possui essa flexibilidade e maleabi-lidade exterior. Ela não pode ser nem alongada, nem encurtada, tampouco é possível atribuir-lhe, por vontade própria, uma sig-nificação inadequada, totalmente outra. (VOLOCHINOV, 2019, p. 236)

Em sua concepção, em concordância com Bakhtin, a palavra já se apresenta a nós carregada de sentidos, quer dizer, a palavra nos chega de alguma forma já dita e significada pelos outros: “Nenhuma palavra é dada ao artista [por extensão, ao falante] no seu aspecto lin-guístico virgem. Essa palavra já foi fecundada por aquelas situações cotidianas e contextos poéticos nos quais ele a havia encontrado.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 221).

41 Grupo multidisciplinar de intelectuais que se reuniu na Rússia, de 1919 a 1929, incluín-do Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev, dentre outros. Filosofia e reflexões sobre a linguagem eram temas frequentes das reuniões. (FARACO, 2009).

Não é o caso de pensarmos em sentidos fixos das palavras, dicionarizados, mas de percebermos que as palavras não são tão flexíveis como a argila, que por si só nada significa, senão no todo de uma obra, ao representar uma estátua ou um utensílio, por exemplo. Ao falante, a palavra impõe, juntamente com a sintaxe da língua, uma série de regras impossíveis de serem ignoradas ao levarmos em conta a compreensão.

A palavra chega a nós como um signo ideológico: “*A palavra é o fenômeno ideológico par excellence.*”, conforme Volóchinov (2017, p. 98, grifos do autor). Por quê? Em uma situação de comunicação real, a palavra representa algo que lhe é exterior, mas não só reflete, como também a refrata uma realidade. Significa afirmarmos a possibilidade de distorcer uma realidade, ou de a confirmarmos, de a perceber de maneira ímpar, e tudo isso por meio da palavra: “Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui uma significação signica*”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos do autor). Nossa percepção dos objetos do mundo e até mesmo do outro nunca se dá de forma neutra, isenta de uma ideologia.

Para os integrantes do Círculo, não produzimos somente uma forma e conteúdo, mas também uma posição avaliativa. Nas palavras de Volóchinov:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano. (VOLÓCHINOV, 2017, p.181, grifos do autor).

Devido a essa concepção, um discurso pretensiosamente neutro é uma impossibilidade, pois sempre haverá uma reflexão e uma refração da realidade, acompanhadas de uma posição avaliativa, manifestando uma ideologia. Sem dúvida há a possibilidade de “esconder” o sujeito em seu enunciado ao utilizar ferramentas existentes na própria língua, dando uma aparência de neutralidade ao seu discurso. Se recorrermos a notícias jornalísticas, por exemplo, observamos a ocorrência de expressões mais gerais, uma carga baixa de adjetivação (principalmente de caráter avaliativo), as citações apresentadas em modo direto, dentre outros recursos, que promovem certo afasta-

mento do redator em seu discurso, com o propósito de dar relevância aos ditos “fatos”. No entanto, tais recursos foram escolhidos pelo redator (mesmo que seja uma imposição do gênero notícias), revelando então um posicionamento. A busca por um discurso dito neutro revela em si uma posição ideológica, ou seja, confirmamos a proposição do Círculo de que todo discurso é sempre ideológico.

Um aspecto relacionado ao enunciado composto por signos ideológicos é que ele porta uma entonação, um “[...] elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”. (BAKHTIN, 2016, p. 47, grifo do autor). Um enunciado pode ser agressivo, jocoso, pejorativo, intimidador, laudatório, encorajador etc. Volóchinov (2019, p. 216) define *expressão valorativa*:

Convencionamos chamar de *expressão valorativa* toda avaliação encarnada em um material. O material primário autêntico dessa expressão valorativa é o próprio corpo humano: o gesto (o movimento do corpo dotado de significação) e a voz (além da fala articulada) (p. 216, ênfases do autor).

Embora, pela definição acima, Volóchinov coloque a expressão valorativa no gesto e na voz (oralidade), encontramos-a também na escrita, conforme nos mostra Véronique Dahlet (2005). Seguimos a problemática levantada pela pesquisadora em seu artigo *A entonação no dialogismo bakhtiniano*, no qual reflete sobre o lugar do corpo e da voz em enunciados escritos, sobretudo na poesia. A autora amplia, assim, a discussão sobre a presença da entonação em enunciados escritos em prosa e como constroem o sentido do discurso: “A nossa hipótese é a seguinte: há e ouve-se voz no texto, na medida em que a entonação é a fonte dessa voz e que por meio dela se estabelece uma ligação do corpo com o texto e do texto com o corpo.” (DAHLET, 2005, p. 249). Segundo a autora, a ligação corpo e voz se dá pela entonação.

Esta valoração presente no enunciado se revela não só nos signos (pela escolha lexical) como também nos recursos gramaticais e composicionais do enunciado, ou seja, a entonação, a expressão avaliativa, é constitutiva do enunciado. Não é um traço adicional, não é um complemento, mas é parte do enunciado. Conforme nos escreve Bakhtin (2016 p. 49), “Se uma palavra isolada é pronunciada

com entonação expressiva, já não é uma palavra mas um enunciado acabado expresso por uma palavra.” Pensemos na palavra *fogo*. No sistema da língua, há apenas possibilidades de significações. No entanto, ao ser produzida em um contexto real de comunicação, com uma entonação expressiva, pode indicar a ocorrência de um incêndio, provocando então uma resposta dos interlocutores, como a de deixar imediatamente o lugar. Não teríamos o mesmo resultado se o falante dissesse, no mesmo contexto, a palavra “alface”; somente, talvez, uma reação de estranheza dos interlocutores. Agora, em um contexto comunicativo ambientado na cozinha de um restaurante, possivelmente “alface”, entoada expressivamente, já alcançasse o status de enunciado ao significar, por hipótese, “está faltando alface” ou “está chegando uma caixa de alfaces”, dependendo de quem for o locutor (o cozinheiro ou o entregador, por exemplo).

Vemos, então, que a entonação expressiva constitui o enunciado, faz com que a palavra se torne um elemento de comunicação, provoca uma resposta a quem é dirigida. Portanto, “[...] a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo de seu emprego vivo em um enunciado concreto.” (BAKHTIN, 2016, p. 51).

Uma particularidade relacionada à entonação é seu caráter social. Como nos escreve Volóchinov (2019, p. 222), o som entoado da voz, a escolha das palavras e suas disposições no enunciado revelam uma avaliação social. Explica-nos dando como exemplo o grito humano: “O grito humano é social. Ele se queixa, implora por ajuda, informa, ameaça, amedronta etc. [...]” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 223). O grito já é um fenômeno ideológico, orientado ao outro, seja esse outro alguém determinado ou não. Em *Fragments dos anos 1970-1971* (BAKHTIN, 2017, p. 55) lemos: “O tom não é determinado pelo conteúdo concreto do enunciado ou pelas vivências do falante mas pela relação do falante com a pessoa do interlocutor (com sua categoria, importância, etc.)”. Para Dahlet (2005, p. 251), seguindo Bakhtin, a entonação se realiza nas categorias de locutor/autor, ouvinte/leitor e o objeto do enunciado. Seria a partir das relações entre as categorias que se estabeleceria a entonação como portadora da avaliação social do enunciado.

Já que temos usado a expressão *enunciado*, precisamos defini-la nos moldes de Bakhtin e o Círculo. O enunciado é a unidade básica de comunicação discursiva. Aqui, refere-se a enunciado

concreto, aquele efetivamente produzido em uma situação real de comunicação, entre parceiros do discurso, situados social e historicamente, seja na modalidade oral ou escrita. Diferentemente de Saussure (2004), que elegeu a língua/sistema como seu objeto de estudo (e de outras teorias com seus respectivos alvos), Bakhtin e o Círculo partem do enunciado real, produzido por um locutor, orientado a um interlocutor, ambientados sócio-historicamente. Nesse sentido, cada enunciado, fruto de uma enunciação, é sempre único e irrecuperável em sua essência, pois a cada vez que é proferido, representa-se como uma nova enunciação.

O enunciado também se difere da oração gramatical. Bakhtin (2016, p. 46) explica-nos a distinção: a oração, no sistema da língua, não tem autor, não responde a nada, existe unicamente como uma possibilidade de construção linguística. Somente quando utilizada em uma situação concreta de comunicação é que vai expressar uma posição responsiva do seu autor, agora passando a constituir-se como um enunciado concreto: “O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir.” (BAKHTIN, 2016, p. 28). Desse modo, para que possamos compreender o sentido de um enunciado, precisamos considerar na análise não só o sentido das palavras ali presentes e organizadas sintaticamente, mas também as pessoas envolvidas (locutor e interlocutor) e a situação contextual em que estão inseridas, pois todo enunciado é sempre orientado ao outro, em um determinado tempo e espaço.

Outra particularidade do enunciado é sua natureza de constituir-se um elo na cadeia de outros enunciados. O enunciado, por assim dizer, é individual na medida em que expressa uma atitude responsável do falante. Ele organiza sua fala e é responsável por ela. No entanto, o enunciado é igualmente social, pelo fato de ele ser constituído por meio de outros enunciados. Citamos Bakhtin:

Ora, todo o discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em

suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar complexa sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística. (BAKHTIN, 2015, p. 48).

Explicamos a citação. Quando produzimos um discurso relacionado a um objeto, este discurso responde a outros discursos já produzidos, e com eles entra em relação de concordância, de rejeição, de complementaridade etc. É o que explica o conceito chave das reflexões bakhtinianas sobre a linguagem: o *dialogismo*. Todo discurso é formado a partir de outros, como uma forma de resposta a eles, ou seja, estabelece-se um diálogo. O sentido é construído justamente ao considerarmos essa relação tensa entre discursos. Para Bakhtin,

A orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não preconditionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto. (BAKHTIN, 2015, p. 51)

A natureza dialógica do discurso permite que se enxerguem os discursos a que outro discurso responde. Ao vermos uma campanha a favor da denúncia de maus-tratos a mulheres, percebemos ao menos dois discursos em tensão dialógica: um que revela a prática de violência contra mulheres, ou então a campanha não teria sentido; outro, que há um discurso de silenciamento quanto às agressões, talvez lembrando o dito popular (contestável) “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, que revela uma ideologia de não interferência na relação de um casal, mesmo com casos de agressão moral ou física. Poderíamos inclusive citar um terceiro: as vítimas geralmente têm dificuldades para denunciar seus cônjuges, logo seria necessário a intervenção de um terceiro para protegê-la da violência doméstica. Percebemos assim que tal campanha diz muito mais do que um convite à denúncia de maus-tratos, mas também mostra uma rede de discursos aos quais a campanha é uma resposta.

Responsividade é outro conceito caro aos integrantes do Círculo, no sentido de localizar o enunciado proferido por um falante em uma cadeia de enunciados (e não tomado isoladamente), de discursos, conforme já mencionamos, em relação de respostas uns aos outros. É o princípio do dialogismo, que não deve ser reduzido à forma do diálogo face a face, embora seja uma de suas manifestações mais evidentes. As relações dialógicas são estabelecidas mesmo entre discursos sem relação direta entre si, sem que necessariamente mencionem um ao outro, mas que dialogam de alguma maneira, seja em termos de conteúdo, seja em termos de forma, ou ambos. Assim, enunciados separados temporalmente por séculos, por exemplo, podem evidenciar relações dialógicas.

A expressão responsividade também aparece ligada à compreensão de enunciados. Para o Círculo, compreender um enunciado é dar uma resposta a ele. Nesse sentido, o interlocutor não ocupa uma mera posição de receptividade na interação comunicativa, pois ele compreende o enunciado ao estabelecer relações dialógicas com outros enunciados de seu conhecimento e ao responder ao locutor. É a compreensão responsiva ativa, conforme nos explica Bakhtin. Diferentemente do esquema de comunicação idealizado por Jakobson (2010, p. 156), no qual o interlocutor é denominado destinatário ou decodificador e tem uma função passiva de receber uma mensagem, no âmbito bakhtiniano o interlocutor exerce um papel ativo na compreensão, ao elaborar sua resposta.

Se pensarmos nos integrantes parceiros de uma interação discursiva, locutor e interlocutor são interdependentes. Um existe porque o outro existe também. Não há produção de discurso sem interlocutor, pois toda palavra é sempre orientada ao outro:

Ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado [por] ele. (BAKHTIN, 2016, p. 63).

Podemos dizer, então, que o interlocutor também influencia o enunciado do locutor, pois este último faz uma projeção de quem

seja seu parceiro e a ele se dirige. Essa projeção de quem seja o interlocutor, seus conhecimentos, sua hierarquia social etc. vai encontrar reflexo no enunciado, seja pela escolha lexical (termos técnicos ou mais populares, por exemplo), pelo registro (graus de formalidade), pela sintaxe (graus de complexidade na organização dos sintagmas), dentre outras maneiras. Assim, o locutor é responsável pelo enunciado que produz, mas a sua elaboração considera a figura do interlocutor projetado. Quer dizer que um enunciado é individual e social ao mesmo tempo.

Na continuação de nosso propósito de apresentar os pressupostos bakhtinianos, faz-se importante mencionar a implicação dessa abordagem em um método próprio de análise. Encontramos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017) pelo menos dois momentos nos quais o autor faz indicações de método. À página 110, são listadas três *exigências metodológicas*, a saber:

- 1) *Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo [...].*
- 2) *Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social [...].*
- 3) *Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material. (VOLÓCHINOV, 2017, p.110, grifos do autor).*

Nas requisições acima percebemos a frequência da expressão *não se pode isolar [...]*, o que mostra a preocupação de o enunciado ser estudado de maneira integrada ao uso real da linguagem, que envolve localizar a ideologia no signo material e não em um campo impreciso da mente, e considerar o signo a partir da comunicação, e não fora dela, por exemplo, já que vai constituir um determinado sentido único naquela enunciação particular. Qualquer tentativa de separar um elemento constituinte da linguagem descaracterizaria o fenômeno em sua realidade viva.

Em um segundo momento, à página 220 da mesma obra, o autor escreve-nos:

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte [...]; 3) partindo

disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017, p.220).

Feitas as considerações, perguntamo-nos então o que seria uma análise nos moldes bakhtinianos? É justamente partir das formas concretas, do enunciado efetivamente produzido (seja oral ou escrito), integrado ao horizonte social, cultural e histórico em que ele está inserido. É o que podemos chamar de uma contextualização, necessária para a sua compreensão. O contexto envolve, por exemplo, determinada situação política de um país, uma tal problemática social, um evento específico, enfim, uma situação que dará um horizonte social no qual o enunciado se encontra. O horizonte social não é um pano de fundo, um complemento ao enunciado, mas constitutivo dele, pois seu sentido pode mudar drasticamente se for dito em horizontes distintos. Além disso, atentar para a necessidade de enxergar o enunciado não como uma simples forma linguística, mas sim uma forma que cumpre uma função específica ao servir de mediação entre parceiros da comunicação situados em uma realidade social. Importante também considerar as relações dialógicas com outros discursos, considerando-os pertencentes a uma cadeia de discursos que se respondem uns aos outros. Por fim, analisar as formas da língua, o léxico empregado, as organizações sintáticas etc. pelas quais um enunciado se elabora. Obviamente essas são linhas gerais do método. Cada pesquisa, a partir daí, vai eleger uma metodologia adequada às suas metas. Dessa forma, Volóchinov nos aponta um caminho de análise discursiva de acordo com a concepção de linguagem dos integrantes do Círculo de Bakhtin.

Considerações finais

Buscar explicar uma teoria em poucas páginas resulta inevitavelmente em escolher dentre a complexidade de conceitos aqueles necessários ao atendimento de uma demanda. Aqui, procuramos elencar alguns dos conceitos de Bakhtin e o Círculo capazes de proporcionar uma visão geral das reflexões do grupo sobre a linguagem. É sempre um desafio, ainda mais quando percebemos a imbricação dessas noções: dialogismo, enunciado concreto, signo ideológico, compreensão responsiva ativa, entonação, acentos valorativos são todos inter-relacionados, e um comentário a partir de cada um representa uma necessidade metodológica de apresentação, mas, na

verdade, todos reclamam sua importância simultânea na produção real de um enunciado. Neste texto optamos por começar pelo signo ideológico, e a partir dele percorremos os outros conceitos. Porém, poderíamos ter começado por dialogismo, por meio do qual, em um momento, chegaríamos ao signo ideológico e a todos os outros. Os conceitos constituem um grande corpo teórico interligado, coerente. Ao comentador cabe escolher por onde começar.

Referências

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: a estilística**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

DAHLET, Véronique. A entonação do dialogismo bakhtiniano. In BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Unicamp, 2005, p. 249-264.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2004.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.